

# O Daesh, a Crise dos Refugiados na Síria e a Xenofobia de Governo na Europa

## The Daesh and the Refugee Crisis in Syria and Governmental Xenophobia in Europe

Luís Felipe Mendes Felício<sup>1</sup>

Universidade Estadual Paulista  
Marília, Brasil

**Resumo:** Visando colaborar com o debate acerca da crise de refugiados que marca a segunda década do século XXI, o presente texto objetiva refletir sobre o papel do grupo fundamentalista Daesh, conhecido como Estado Islâmico (EI), levando em conta a influência de potências ocidentais para sua formação, consolidação e fortalecimento, na promoção da expropriação territorial no norte da África e no Oriente Médio, sobretudo na Síria, de onde se origina a grande parte dos milhares de deslocados que rumam à Europa por meio da perigosa travessia do Mar Mediterrâneo, bem como identificar aspectos que fazem parte da ascensão do sentimento xenofóbico europeu, tendo em vista a chegada destes deslocados no Velho Continente. As reflexões neste realizadas fundamentam-se em bibliografia levantada por pesquisa bibliográfica sobre os seguintes temas em livros e artigos: Estado Islâmico, xenofobia, refugiados. As reflexões que serão apresentadas foram organizadas da seguinte forma: primeiramente, buscou-se esclarecer – de forma concisa – os aspectos da formação e atuação do Daesh, além das forças que o combatem, e seus efeitos no cenário internacional; em seguida, trabalhou-se a respeito do contexto de produção de refugiados oriunda deste fenômeno de expropriação; por fim, esboçou-se uma breve trajetória do recente fortalecimento dos sentimentos xenofóbicos nos países europeus.

**Palavras-Chave:** Daesh; Refugiados; Xenofobia; Europa.

**Abstract:** In order to contribute to the debate on the refugee crisis of the second decade of the Twenty-first Century, this paper has the aim of reflecting on the role of the fundamentalist group Daesh (also known as the Islamic State – IS) in the crisis. The influence of Western powers in the rise, consolidation and strengthening of the Daesh is related to territorial expropriation in north Africa and the Middle East, especially in Syria, from where most of the thousands of displaced persons originate and go to Europe by way of the dangerous crossing of the Mediterranean Sea. The arrival of these displaced people is shown to give rise to European xenophobic sentiment. The views presented in this work are based on bibliographical research concerning the Islamic State, xenophobia and refugees. The article

---

<sup>1</sup> Departamento de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências. luismendesfelicio@gmail.com

is organized in the following way: first, the rise and performance of the Daesh as well as the forces that fight against it is treated in regard to its effects on the international scene; then, the context of the production of refugees due to expropriation is presented; and finally, a brief trajectory of recent xenophobic sentiments in European countries is outlined.

**Keywords:** Daesh; Refugees; Xenophobia; Europe.

## Introdução

O grupo fundamentalista que este artigo visa estudar já teve muitos nomes, o mais famoso e popular deles talvez seja Estado Islâmico, nome autodeclarado em 2014. Porém, um termo ganhou popularidade no Oriente Médio: Daesh, ou Da'ish, passando a ter seu uso ampliado. Trata-se de uma sigla árabe para o antigo nome do grupo, “al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa al-Sham”, não tendo um significado particular<sup>1</sup>. A comunidade árabe, que não usa siglas com frequência, é defensora desta troca de nomenclatura, em respeito à religião islâmica que é deturpada pelos feitos do grupo fundamentalista (IRSHAID, 2017).

O Daesh busca a construção de um califado islâmico, organização em que o chefe de Estado – califa – é também sucessor da autoridade político-religiosa do profeta Maomé, visando aquilo que engloba o Grande Oriente Médio, a Península Ibérica e estende-se pela Ásia (chegando ao “Uiguristão”, território muçulmano chinês) – Figura 1. Na busca pelo califado, o grupo fundamentalista promove a expropriação territorial das populações originárias – especialmente, os sírios. O grupo é, conforme demonstrei a partir da bibliografia levantada, resultado direto das intervenções imperialistas norte-americanas, francesas e britânicas no Oriente Médio, a saber: a derrubada do governo de Saddam Hussein no Iraque em 2003, o financiamento de grupos rebeldes a fim de desestabilizar o governo de Assad na Síria a partir de 2011, dentre eles o que hoje é o EI. Faz-se necessário o estudo desta organização, que transcende o senso comum do que seja terrorismo, visto que possui instalações territoriais que administra e governa.



Figura 1 – Ambições territoriais do Daesh.  
Fonte: FIVER (2014).

Esse movimento de expansão faz com que estas pessoas atingidas, deslocadas aos milhões, busquem refúgio no exterior. A maioria acaba em campos de refugiados nos países árabes vizinhos. No entanto, uma parcela significativa e crescente busca refúgio na Europa, seja pelo caminho continental (pelos Bálcãs) ou através da travessia do Mar Mediterrâneo, com muitas mortes pelo caminho. Os países europeus, motivados pelo sentimento xenofóbico, promovem uma forte resistência contra o recebimento e integração de refugiados em suas políticas estatais, o que nos mostra um fortalecimento da extrema-direita no Velho Continente. Mesmo países que colaboraram diretamente para o patrocínio do Daesh – como França e Inglaterra – agora fogem das responsabilidades geradas pela ação do grupo, desviando-se da recepção e abrigo de refugiados em seu solo.

A partir disto e para promover a compreensão do tema, o foco de explicação foi dividido em três pontos: o Daesh, onde traçou-se uma breve trajetória do grupo, a partir de suas raízes, passando pela formação e atuação, ponderando ainda sobre a influência do ocidente na sua formação e o combate promovido pela coalizão; a crise dos refugiados, onde refletiu-se sobre a questão dos refugiados, tendo em vista autores que pensam a teoria das migrações para compreender o ponto de vista dos países de acolhida de refugiados, bem como trabalhou-se com dados oficiais da Organização das Nações Unidas e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados para dar dimensões da situação da crise; a xenofobia na Europa, onde foram cruzadas relações entre o nacionalismo e o pós-nacionalismo com a rejeição do estrangeiro refugiado, o preconceito e o ódio que levam à negação do refúgio com dados dos programas governamentais de países europeus no que se refere à questão da rejeição de refugiados (em outras palavras, a xenofobia de governo).

## O DAESH

O Daesh, grupo fundamentalista sunita<sup>2</sup>, figura no cenário internacional atual como uma entidade extremamente peculiar: o grupo opera visando a instalação de um califado, um sistema de governo cujo chefe da nação é o Califa, considerado sucessor da autoridade política do profeta Maomé, com atribuições de chefe de Estado; é um líder político do mundo islâmico. O atual Califa do Daesh é Abu Bakr Al-Baghdadi.

Surgido no Iraque, o grupo hoje está instalado por regiões do Oriente Médio e norte da África, assim como tem assumido a autoria de diversos atentados terroristas na Europa – como nos casos recentes contra a França – novembro de 2015, Paris – e Bélgica – março de 2016, Bruxelas –, por exemplo. Não se trata de um grupo terrorista usual, mas de uma força muito mais sofisticada, capaz de recrutar membros das mais diversas partes do globo para sua luta armada em busca da instalação do Califado Islâmico, conforme analisa Damin:

O El é, hoje, uma organização muito mais complexa do que foi, por exemplo, a Al-Qaeda de Osama bin Laden. Hoje o El governa cidades, possui fontes geradoras de recursos financeiros próprios, uma burocracia e forças irregulares numerosas, parte delas formada por estrangeiros.

[...] A trajetória da Al-Qaeda no Iraque até tornar-se o Estado Islâmico mostra que essa organização é um desafio de monta para o Ocidente e também para

os países do Oriente Médio. Mais do que uma simples organização terrorista sunita, o EI se transformou em um grupo insurgente, com milícia significativa e pretensões territoriais. (DAMIN, 2015, p. 26-32)

Na Figura 2, é possível observar o auge da ocupação territorial do Daesh no Iraque e na Síria; o grupo chegou, entre 2014 e 2015, a ocupar metade da Síria e quase um terço do Iraque.

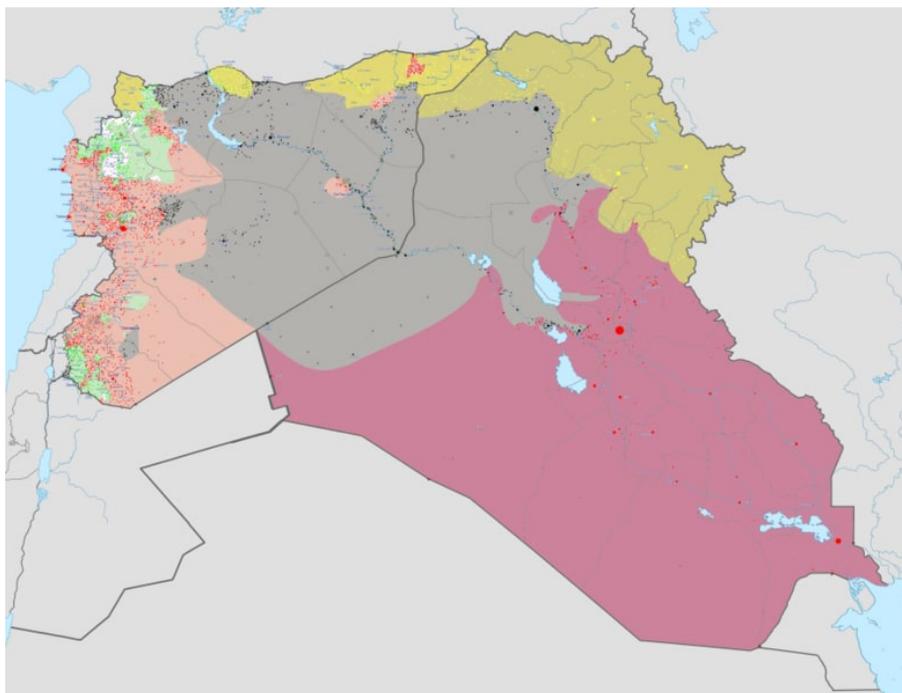


Figura 2 – Territórios do Estado Islâmico em junho de 2015.

Fonte: KHAERR (2017).

### Legenda

	Área sob controle do Daesh
	Área sob controle de rebeldes sírios
	Área sob controle do governo da Síria
	Área sob controle do governo do Iraque
	Áreas sob controle curdo

Antes de dar sequência, porém, é pertinente estabelecer uma sucinta definição sobre a jihad: a palavra não significa guerra santa, mas o trabalho determinado em uma causa nobre, o seguimento da fé; no entanto, grupos modernos radicalizaram o termo para um sentido militarizado. Alguns teóricos do islã defendem a jihad apenas em autodefesa em caso de agressão estrangeira à comunidade islâmica; outros, porém, em uma visão mais militante, acreditam que a jihad enquanto agressão pode dirigir-se contra toda população infiel ou não islâmica, ainda que esta não esteja oprimindo diretamente a comunidade muçulmana (KNAPP, 2003).

A luta jihadista – luta armada do fundamentalismo islâmico – não é recente, importante ressaltar. Suas origens remontam ao século XX e à Irmandade Muçulmana, organização-mãe de numerosos grupos terroristas islâmicos, formada em reação à extinção do califado turco em 1924 (MILMAN, 2004) e profundamente atuante no Egito do pós-2ª Guerra. No entanto, o que hoje configura o Daesh propriamente dito tem suas raízes no precursor da busca pelo califado, o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi.

Al-Zarqawi, encarcerado por cinco anos – de uma sentença de quinze – na Jordânia, mudou-se em 1999 para o Afeganistão, estabelecendo contatos com a Al-Qaeda; seu grupo, de sigla JTWJ (Jama Jama at al-Tawhid wa al-Jihad), já estava em solo iraquiano quando, em 2003, o governo de George W. Bush invadiu o Iraque, sem aval das Nações Unidas, retirando do poder o ditador sunita Saddam Hussein. O grupo de Zarqawi, unido à Al-Qaeda iraquiana, aproveitou-se da situação de instabilidade sociopolítica para fortalecer-se; a violência sectária entre xiitas e sunitas atingiu níveis alarmantes.

Em 2006, após a morte de Al-Zarqawi e sob a liderança de Abu Omar al-Baghdadi (iraquiano), os grupos proclamaram-se o Estado Islâmico do Iraque. Em 2014, a Al-Qaeda anunciou que o então Estado Islâmico do Iraque e da Síria não mais compunha seus quadros. Em junho do mesmo ano, o grupo adotou a denominação final: Estado Islâmico, com Abu Bakr Al-Baghdadi, iraquiano, como califa (DAMIN, 2015). O grupo aproveitou-se da situação caótica de guerra civil entre forças governistas e rebeldes na vizinha Síria para fortalecer-se, conseguir financiamento, treinamento e armamento norte-americanos e franceses na condição de opositores de Assad (COCKBURN, 2015).

Após os atentados terroristas empreendidos pela Al-Qaeda em 11 de setembro de 2001, os EUA, valendo-se do discurso da segurança nacional, passaram a empreender atividades militares sob o lema da “Guerra ao Terror”, conhecida por Doutrina Bush; o então presidente George W. Bush adotou a prática das guerras preventivas, promovendo ataques a nações tidas como ameaças em potencial aos Estados Unidos da América e seus aliados. Em 2003, sem autorização da ONU<sup>3</sup> (HOBBSAWM, 2007), invadiram o Iraque sob a acusação de que este detinha armas de destruição em massa, com imenso apoio militar do Reino Unido. Quando o ex-presidente Barack Obama retirou as tropas norte-americanas em 2011, atitude que lhe rendeu, inclusive, o Prêmio Nobel da Paz, criou-se o cenário para que estes grupos radicais passassem a agir, uma vez que não se tinha mais o peso da presença das tropas e tanques norte-americanos (COCKBURN, 2015).

Concomitantemente, o “perfume dos jasmims” espalhava-se pelo Oriente Médio e norte africano: o movimento popular conhecido como Primavera Árabe, iniciado na

Tunísia, país que tem o jasmim por símbolo, fortalecia-se, atingindo o Egito de Hosni Mubarak e a Líbia de Muammar Kadhafi. Em 2011, a série de levantes contra governantes longevos atingiu a Síria do presidente Bashar Al-Assad, no poder desde 2000, desafeto dos EUA por sua proximidade com a Rússia (AGUILAR et al., 2014). Assim, estadunidenses e franceses passaram a atuar no patrocínio, armamento e treinamento de rebeldes contra Assad – entre eles, estava a fusão dos sunitas iraquianos com o grupo fundamentalista sírio Fatah Al-Nusra: o ISIS, Estado Islâmico do Iraque e da Síria, na sigla em inglês (NAPOLEONI, 2015).

No mesmo ano em que a Al-Qaeda, como dito, desligou de seus quadros o Estado Islâmico e o mesmo tomou posição com Al-Baghdadi, houve a cisão com o Fatah Al-Nusra. Também em 2014, iniciou-se a reação: John Kerry, então Secretário de Estado dos Estados Unidos no segundo mandato Obama, passou a reunir aliados para uma coalizão internacional de combate ao EI; os aliados de Washington estão em grande parte compostos de europeus, tais como Reino Unido, França e Bélgica, mas também em países do Oriente Médio (DAMIN, 2015). O *modus operandi* desta coalizão pauta-se em ataques aéreos com bombardeios – não há, até então, mobilização para uma investida frontal terrestre contra o califado de Al-Baghdadi (Figura 3). Dados liberados pelo Pentágono indicam que somente os EUA gastam US\$ 9 milhões por dia nas operações contra o EI, dois terços do total gasto pela Coalizão.<sup>4</sup>

A atuação do Daesh – tratando-no enquanto um grupo que ultrapassa o *status quo* de terrorista, estabelecendo-se como um genuíno insurgente com apetite por territórios (CALFAT, 2015) – colabora para uma produção massiva de refugiados que está marcando a segunda década do século XXI.



Figura 3 – Ataque aéreo da coalizão a posição do Daesh em Kobane em 2014.  
Fonte: Voice of America News (2014).

## A Crise dos Refugiados na Síria

A fim de proporcionar um norte conceitual a esta reflexão, invoco a definição oficial do Estatuto dos Refugiados, assinado em 1951 na Convenção de Viena:

Para os fins da presente Convenção, o termo “refugiado” se aplicará a qualquer pessoa: Que [...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país. (ONU, 1951, p. 137)

Não é exagero dizer que a crise de refugiados que se tem hoje na Síria e adjacências é a maior tragédia humanitária desde a Segunda Guerra Mundial (1939-45); aliás, em seu site oficial, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados expressou opinião nesse sentido: “pior crise humanitária da nossa era”, disse o Alto Comissário, Antonio Gutierrez (ACNUR, 2016). Partindo-se de dados oficiais desta mesma entidade, tem-se números alarmantes sobre as dimensões da tragédia: até abril de 2016, eram cerca de 5 milhões de refugiados<sup>5</sup>, além de um número superior a 8 milhões de deslocados internos<sup>6</sup>. A Síria vem enfrentando, conforme já foi supramencionado, uma sangrenta guerra civil desde 2011 entre forças do governo de Assad, rebeldes e os insurgentes do Daesh.

A construção do Califado provoca a expropriação das comunidades originais de seus territórios, frente à avassaladora força militar que o grupo hoje possui e sua capacidade de domínio e sofisticada ocupação territorial sobre as áreas por onde se situa. Em cidades sírias e iraquianas, o governo de Al-Baghdadi força os deslocamentos daqueles que não desejam viver sob o jugo do fundamentalismo religioso e da violência, buscando assim condições de vida estáveis no estrangeiro, frente à inaptidão dos Estados maternos de oferecer a segurança básica no que tange ao combate efetivo e decisivo contra as forças insurgentes. A respeito disso, cita-se:

As diversas comunidades presentes no Iraque e na Síria (xiitas, sunitas, curdos, alawitas e cristãos) foram basicamente desintegradas pelo ataque do Estado Islâmico na região. Sua ação consiste em forçar sua interpretação do islã sobre as pessoas, e aqueles considerados apóstatas, politeístas ou que de qualquer forma são contra suas regras, são mortos ou obrigados a deixar seu país. (PENACHIONI, 2015, p. 60)

Andrade, em estudo sobre a questão da guerra civil síria e os refugiados dela advindos, classifica os povos que fogem deste conflito como legítimos refugiados, tendo por base o Estatuto. Tendo em vista que os mesmos, uma vez fora de seu país de origem, sofrem de temores muitíssimo bem fundados e não gozam da proteção de seu país aos seus direitos mais elementares como a vida (ANDRADE, 2011). É sabido e admitido pela própria ONU que em diversos campos de refugiados, como os que estão presentes nos países fronteiriços à Síria, tais como Turquia, Líbano, Jordânia e

o próprio Iraque, há amplas violações aos direitos humanos mais essenciais, como a vida, a liberdade religiosa e sexual, a integridade e a alimentação. Isso em mente, é preciso prosseguir ao próximo ponto, mais especificamente, a ida dos refugiados sírios para a Europa.

Os países receptores de refugiados possuem uma visão pautada na ideia de viés sedentário (CASTLES, 2010) – enxergando a migração em geral, sobretudo a dos refugiados, como algo negativo; os pobres que buscam asilo não devem sair de seus respectivos países, continuando uma mentalidade colonial. A visão predominante – que é claramente míope – é a que toma os refugiados como um problema a ser resolvido através de políticas de curto prazo, de forma a romper ou ao menos conter o fluxo de desabrigados rumo à Europa.

O humanitarismo de fachada é largamente utilizado pelos países do Norte de forma a, de um só tempo, promover uma autoimagem de filantropia e evitar lidar com a questão da crise dos refugiados – pela qual, reforça-se, algumas nações europeias são diretamente responsáveis através de suas ações imperialistas no Oriente Médio em conjunto com Washington. A manipulação de vidas humanas em estado de plena violação dos direitos humanos em prol dos interesses hegemônicos europeus é, assim, uma ampla tendência, conforme aponta Chimni (2000), cujas reflexões sugerem o uso do humanitarismo enquanto uma ideologia de dominação e manutenção da hegemonia pelos países dominantes, implicando na erosão dos direitos fundamentais dos refugiados.

Na Síria, o ACNUR aponta que mais de 50% da população civil foi forçada a deixar suas casas, deixando um número que supera 7,6 milhões de deslocados internos no país, o que correspondia a mais de 10% dos deslocados de todo o mundo, que chegavam à casa dos 60 milhões naquele período (ACNUR, 2015). Para além disso, os refugiados ligados à Guerra Civil na Síria, onde o Daesh figura como um dos atores centrais do conflito, buscam, na casa dos centenas de milhares, refúgio em solo europeu. Nota-se, porém, que a grande maioria dos refugiados, um número acima de 4 milhões, está nos países vizinhos de Damasco: Líbano, Iraque, Egito, Jordânia etc. (ACNUR, 2015). Este artigo não se pauta no desconhecimento deste fato, no entanto, aqui interessa o caso particular daqueles refugiados que migram rumo à Europa seja atravessando o Mar Mediterrâneo, seja pelo caminho dos Bálcãs. A República Árabe da Síria tornou-se uma produtora em massa de deslocados e refugiados

Estes homens, mulheres e crianças abandonam tudo o que lhes restava, arriscando suas vidas no tortuoso caminho pelo Mediterrâneo, que atravessam a partir da Tunísia ou Líbia, na maioria dos casos, ou continente adentro, passando pela Turquia até atingir o leste europeu. Na travessia, uma boa parte morre afogada, caso do menino sírio Alan Kurdi, cujo corpo apareceu em uma praia turca em 2015. Há um rastro de sangue pelo Mar Mediterrâneo: até julho de 2016, mais de 4 mil pessoas perderam suas vidas, um assustador aumento de 26% com relação a 2015<sup>7</sup>; além disso, dados mostram que mais de 300 mil pessoas fizeram a travessia marítima, entre refugiados e migrantes, neste mesmo ano<sup>8</sup> (Figura 4).

## CRISE MIGRATÓRIA

Conheça as principais rotas usadas pelos estrangeiros na Europa



Figura 4 – Rotas de fuga dos refugiados rumo à Europa.

Fonte: Folha de São Paulo (2015).

A Organização das Nações Unidas, ONU, por vezes cobrou da União Europeia e dos demais países do mundo maior receptividade àqueles que fogem de catástrofes humanitárias. O ex-Secretário-Geral, Ban Ki-moon, que acredita que o problema não é logístico, mas de solidariedade, disse: “Precisamos urgentemente que os países transcendam seus interesses nacionais e se unam para uma resposta decisiva e global”. Grandi, chefe da AC-NUR, destacou o papel dos países emergentes no acolhimento dos descolados e afirmou em discurso: “O direito ao refúgio – e os valores de tolerância e solidariedade que são a sua base – são abalados pela xenofobia, pela retórica nacionalista e pelo discurso político que faz conexões entre refugiados, questões de segurança e terrorismo”<sup>9</sup>.

Conforme Castles (2010), o tema dos refugiados deve ser enxergado a partir do viés social, compreendendo de forma humanista como os processos migratórios, neste caso, dos refugiados, constitui uma transformação social comum, com positivos efeitos aos países de acolhida e mesmo aos de trânsito, não como uma problemática da segurança, não como uma crise a ser resolvida o mais breve possível, não como uma ameaça ao generalizar pelo preconceito – a xenofobia – as populações africanas e árabes por terroristas, radicais.

## A Xenofobia de Governo na Europa

A xenofobia, repulsa ou medo do estrangeiro, é um sentimento de matriz etnocêntrica, da boa visão exacerbada de si e crença na inferioridade alheia; aquele que pratica a xenofobia, portanto, o xenófobo, promove violência cultural ou direta contra o estrangeiro, motivado por este medo. A respeito disto, coloca-se:

A xenofobia pode ser identificada como uma [...] valoração exaltada do próprio (referindo-se a uma comunidade social de valores comuns) e uma deflação desvalorada e aviltante do outro (de cultura distinta), existe um processo de “desumanização” do outro, convertendo-o a um nível de uma “coisa”, desprovido de humanidade, montando-se então o palco para violência direta. (AMARAL, 2016, p. 456)

A Europa é o continente materno do nacionalismo – consequentemente, da xenofobia. Quem muito trata da questão nacionalista e sua influência na Europa é o historiador Eric J. Hobsbawm em “Nações e Nacionalismo desde 1780”, na qual ele faz uma análise dos fenômenos da nação e do nacionalismo em seus sentidos modernos desde seu surgimento marcado pela Revolução Francesa em 1789. Em sua obra, o autor discorre que, devido à grande migração geográfica na Europa da segunda metade do século XIX, questões que até então não eram grandes fatores do nacionalismo, como a etnia e a língua, passaram a alterar a questão nacional para os movimentos de direita política. “Ao criar os estratos médios gentílicos, o processo linguístico deixou claros a inferioridade, a insegurança de *status* e o ressentimento tão característicos dos estratos médios baixos, fazendo o novo nacionalismo ser muito atraente para eles” (HOBSBAWM, 2013, p. 162-163). E foi dentre essa classe média que o nacionalismo europeu sofreu a mutação em direção à direita xenófoba que levou à ascensão do nazifascismo no período entre-guerras.

A transição do leste europeu socialista ao capitalismo, com uma série de países falidos e com severos problemas estruturais como o desemprego. Sua entrada na União Europeia forneceu mão de obra barata ao continente, ao passo que desempregou trabalhadores ocidentais (HOBSBAWM, 2007); daí temos um fortalecimento das velhas direitas radicais, do sentimento nacionalista e da xenofobia; *a priori*, a rejeição era contra os europeus do leste, porém a entrada de africanos e árabes no continente faz com que o ódio estenda-se a estes povos, vistos como uma ameaça a um sentimento mais amplo do que o meramente nacional, mas à identidade europeia em si, às tradições europeias e seus valores, tal qual aponta Zúquete:

Tem sido observado que, no seio de alguns círculos intelectuais, tais como os que rodeiam a nova direita europeia, o nacionalismo estava a ficar fora de moda, tendo sido substituído por uma aliança a uma fonte mais lata de identidade cultural, tal como a Europa. [...] De certa forma, este discurso pós-nacionalista centrado nas fronteiras e tradições europeias e ocidentais, vem complementar a perspectiva nacionalista, mas tem igualmente o potencial de lhe fazer concorrência. A ênfase colocada numa entidade mais alargada – Europa ou o Ocidente – emana tanto da necessidade coletiva de defesa dos europeus autóctones em relação aos ataques

da nova ordem mundial e do seu *ethos* globalizante (que apaga tradições e raízes, como do medo e luta contra islamização. (ZÚQUETE, 2011, p. 660-661)

Uma ameaça aos tão estimados valores europeus, à prestigiosa nacionalidade e sentimento de pertencimento à Europa é enxergada nos estrangeiros que buscam refúgio. A questão religiosa faz pesar: um temido confronto entre a civilização cristã e o mundo islâmico torna-se pauta de acaloradas discussões recheadas de preconceito (em meio à generalização e reforço dos estigmas mais estereotipados motivados pela reação aos atentados terroristas do Daesh em solo europeu) receando uma “islamização” da Europa, a perda dos valores cristãos-europeus. Posto isso, a ideia de ter filhos de árabes e africanos como legítimos europeus graças ao princípio jurídico do *jus solis* assusta os conservadores, que pedem veementemente pelo reforço da ideia do *jus sanguinis* para concessão de nacionalidade europeia e acesso ao Espaço Schengen (MARCHI; BRUNO, 2015).

A crise econômica favorece a promoção de tal discurso, indo além da ameaça cultural vista na figura do refugiado, mas vendo-o também como uma severa ameaça ao sistema social europeu, ao emprego e outros tópicos, em concreta inconsistência, visto que estes refugiados são atirados à marginalidade da vida social, tem negados direitos básicos e veem-se agregados às cadeias do subemprego: “Perante o aumento do desemprego, a extrema-direita denuncia a chegada maciça de mão de obra barata e não sindicalizada das regiões do globo desestabilizadas pelas guerras.” (MARCHI; BRUNO, 2015, p. 46-47)

A fim de ilustrar a realidade, temos que, por exemplo, República Tcheca, Polônia, Hungria e Eslováquia rejeitaram em 2015 uma proposta de distribuição de cerca de 160 mil refugiados entre os membros da União Europeia.<sup>10</sup> A Hungria, aliás, promove um dos fechamentos de barreira mais radicais, com cercas, muros e repressão a quem tente passá-las: “O primeiro-ministro Viktor Orbán mandou erigir barreiras e reforçou os controles nas fronteiras para conter os crescentes fluxos de refugiados da rota balcânica” (MARCHI; BRUNO, 2015, p. 45). A Áustria, em 2016, construiu um muro para a contenção do fluxo de imigrantes pela Itália, país que recebe grande número de refugiados da travessia mediterrânea<sup>11</sup>.

A Alemanha, que afirmou ter capacidade de receber meio milhão de refugiados anualmente nos próximos anos, tem cobrado os demais países a ampliar seu apoio, uma vez que figura hoje como o país que mais tem fornecido abrigo; porém, não sem forte resistência de grupos da cunha xenofóbica: “Aqui (Alemanha)<sup>12</sup>, a disponibilidade para acolher refugiados expressa pela chanceler Angela Merkel permitira ao partido de extrema-direita AfD<sup>13</sup> agudizar a sua campanha de protesto” (MARCHI; BRUNO, 2015, p. 45).

Na França, conhecida por sua política de constante intervenção nas ex-colônias – o que a fez, inclusive, participar do financiamento dos rebeldes que desestabilizaram a Síria, entre eles o EI, a recepção é bem menor: o país acordou receber 30 mil refugiados<sup>14</sup>; além disso, boa parte da população resiste com postura xenofóbica, organizando protestos contrários ao acolhimento. Nas eleições de 2017, Marie Le Pen, candidata da extrema-direita com discurso amplamente xenofóbico e contrário à recepção de refugiados, muito semelhante ao presidente republicano dos EUA Donald J. Trump, abalou o cenário político local, recebendo expressiva votação e terminando o pleito presidencial na 2ª colocação; Le Pen, aliás, refere-se ao Islã como “fascismo verde” (Ibidem, p. 49). Vale lembrar, em 2015 o país foi vítima de dois atentados promovidos pelo Daesh – em

janeiro, ao *Charlie Hebdo*, e em novembro, a Paris –, além do independente a Nice, em julho de 2016, o que colabora para aterrorizar a população e estimular respostas irracionais e preconceituosas aos refugiados em geral.

O caso do Reino Unido é especial: participante direto dos programas militares no Oriente Médio, é um dos países que mais nega asilo às vítimas do caos. Em 2016, o fortalecimento do nacionalismo e da direita conservadora culminaram na saída do país da União Europeia – o chamado BREXIT –, uma forma de fugir dos acordos de recepção de deslocados do bloco europeu que afetará não somente os advindos do Oriente Médio e Norte Africano, mas os imigrantes do leste europeu que vivem no país. A ocasião alimentou esperanças semelhantes na França, Holanda e Itália, além de diversos movimentos separatistas pelo mundo – o escocês, inclusive. Neste mesmo ano o país anunciou a construção de um muro para bloquear a entrada de refugiados por Calais, França<sup>15</sup>.

É possível raciocinar, a partir do contexto e dos dados fornecidos, que as políticas governamentais que visam coibir a recepção de refugiados e sua integração na sociedade europeia estão fundamentadas nos pilares da xenofobia e da ignorância, com o fortalecimento de uma extrema-direita de discurso pós-nacionalista.

## Conclusão

Os refugiados do século XXI são filhos do seu tempo, vítimas do processo de expropriação motivado por um grupo fundamentalista na forma de califado; califado este que é resultado direto das intervenções da Europa (Reino Unido e França) e dos EUA na política de países de Oriente Médio, suas agressões imperialistas e negligência que a globalização permite, frente ao caráter unilateral do poder nos dias atuais. Os interesses estrangeiros que levaram a guerra aos povos árabes são os mesmos que lhes rejeitam socorro. Criaram as condições para o surgimento do Daesh, mas não é mostrada capacidade para combatê-lo com eficiência.

Enquanto isso, a responsabilidade de acolher as vítimas desses processos é repassada de país a país. São poucos e raros os que visam incluí-los no seio de sua sociedade; a lógica europeia – na qual pode-se aplicar o conceito de viés sedentário de Castles com clareza – é isolá-los em campos de refugiados e devolvê-los a seu território original o mais breve possível, de preferência sequer instalar estes abrigos em solo europeu.

As potências europeias – destacam-se Reino Unido e França – exploraram colonialmente estes países; posteriormente, sua geopolítica imperialista e alinhada com a de Washington as fizeram participar das empreitadas militares que resultaram na barbárie que se vê. Então, quando estas pessoas batem às portas dos causadores de suas moléstias, nada ou pouco recebem. São barrados também pelos ex-comunistas do leste europeu, cuja entrada no mundo capitalista é um trauma ainda insuperado.

O cenário de crise econômica proveniente desde 2008 associado à crise dos refugiados e à generalização dos árabes por terroristas, devido aos atos de uma minoria fundamentalista, propicia que os fantasmas reacionários do século XX voltem a assombrar o continente europeu. A ameaça xenofóbica da extrema-direita é real, é perigosa e cresce diariamente. Os direitos humanos dos refugiados encontram-se cada vez mais erodidos e ameaçados.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, R. A. D. Violência cultural: xenofobia, terrorismo e o advento da intolerância nas relações internacionais. 2016. Texto originalmente publicado em março de 2016, nos Anais do evento SemanaRi (UFABC/UNIFESP). Disponível em: <https://semanari.files.wordpress.com/2016/03/anais-eletronicos-semana-ri-2016.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016. p. 449-465.

AGÊNCIA BRASIL. *Países do leste europeu, Dinamarca e Finlândia recusam sistema de cotas*. 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-09/paises-do-leste-europeu-dinamarca-e-finlandia-recusam-sistema-de-cotas>. Acesso em: 01 maio 2017.

\_\_\_\_\_. *Reino Unido construirá muro em Calais para barrar imigrantes*. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-09/reino-unido-construira-muro-em-calais-para-barrar-imigrantes>. Acesso em: 01 maio 2017.

AGUILAR, S. L. C.; FURTADO, G.; RODER, H. A Guerra Civil Síria, o Oriente Médio e o sistema internacional. *Série Conflitos Internacionais*, v. 1, n. 6, p. 1-6, 2014.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Após 4 anos de conflitos na Síria, Brasil lidera acolhimento de refugiados sírios na América Latina*. 2015. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/apos-4-anos-de-conflito-na-siria-brasil-lidera-acolhimento-de-refugiados-sirios-na-america-latina>. Acesso em: 24 maio 2017.

\_\_\_\_\_. *Chefes da ONU pedem mais solidariedade com as pessoas forçadas a se deslocar*. 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/chefes-da-onu-pedem-mais-solidariedade-com-as-pessoas-forçadas-a-se-deslocar>. Acesso em: 14 out. 2016.

\_\_\_\_\_. *Mais de 300 mil refugiados e migrantes cruzaram o Mediterrâneo em 2016*. 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/mais-de-300-mil-refugiados-e-migrantes-cruzaram-o-mediterraneo-em-2016/>. Acesso em: 14 out. 2016.

\_\_\_\_\_. *Mortes no Mediterrâneo seguem aumentando, um ano após afogamento de menino sírio*. 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/mortes-no-mediterraneo-seguem-aumentando-um-ano-apos-afogamento-de-garoto-sirio/>. Acesso em: 14 out. 2016.

\_\_\_\_\_. *Relatório do ACNUR revela 60 milhões de deslocados no mundo por causa de guerras e conflitos*. 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/06/18/relatorio-do-acnur-revela-60-milhoes-de-deslocados-no-mundo-por-causa-de-guerras-e-conflitos/>. Acesso realizado em: 13 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. *ACNUR: Refugiados sírios já passam dos 4 milhões*. 2015. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/acnur-refugiados-sirios-ja-passam-dos-4-milhoes/>. Acesso em: 01 jun. 2017.

ANDRADE, G. B. A Guerra Civil síria e a condição dos refugiados: um antigo problema, “reinventado” pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. *Revista de Estudos Internacionais (REI)*, v. 2, p. 121-138, 2011.

AVELAR, D.; BALBINO, L. Saiba quais são os principais conflitos que alimentam a crise de refugiados na Europa. *Folha de S. Paulo*, 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/asm/2015/09/1676793-saiba-quais-sao-os-conflitos-que-alimentam-a-cri-se-de-refugiados-na-europa.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2018.

BBC. *Entenda as diferenças e divergências entre sunitas e xiitas*. 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160104\\_diferencas\\_sunitas\\_xiitas\\_muculmanos\\_lab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160104_diferencas_sunitas_xiitas_muculmanos_lab). Acesso em: 01 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. *EUA gastam US\$ 9 milhões ao dia para combater “Estado Islâmico”*. 2015. Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150612\\_eua\\_gastos\\_ei\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150612_eua_gastos_ei_fn). Acesso em: 14 out. 2016.

CALFAT, N. N. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: fundamentos políticos à violência política. *Conjuntura austral: journal of the global south*. v. 6, n. 31, p. 6-20, 2015.

CASTLES, S. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. *Revista Internacional da Mobilidade Humana*, Brasília, n. 35, p. 11-43, 2010.

CHIMNI, B. S. Globalisation, Humanitarianism and Erosion of Refugee Protection. *RSC Working Paper n. 3*. Refugee Studies Centre “Queen Elizabeth House”. University of Oxford, p. 1-23, 2000.

COCKBURN, P. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão jihadista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015. 208 p.

DAMIN, C. Jr. Surgimento e trajetória do Estado Islâmico. *Boletim Meridiano 47*, v. 16, n. 148, p. 26-33, 2015.

HOBSBAWM, E. J. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182p.

\_\_\_\_\_. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. 280p.

IRSHAID, F. ISIS, Estado Islâmico ou Daesh? Um grupo extremista, muitos nomes. *BBC*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-42020312>. Acesso em: 20 nov. 2017.

KNAPP, M. G. The concept and practice of Jihad in Islam. *Parameters*. p. 82-94, 2003.

MARCHI, R.; BRUNO, G. A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados. *Relações Internacionais*. n. 50. p. 39-56, 2016.

MILMAN, L. Origem dos movimentos islâmicos revolucionários. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 35, s.p., 2004.

NAPOLEONI, L. *A fênix islamista: o estado islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 154p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), *Mais de 4 mil refugiados e migrantes morreram em 2016, a maior parte no Mediterrâneo, alerta OIM*. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-4-mil-refugiados-e-migrantes-morreram-em-2016-a-maior-parte-no-mediterraneo-alerta-oim/>. Acesso em: 16 out. 2016.

PENACHIONI, J. B. Estado Islâmico, imigração e o fenômeno das escravas sexuais. *Ponto e Vírgula*. PUC SP. n. 18, p. 56-70, 2015.

PEMBERTON, B.; KNOX, P. What does ISIS stand for, what does Daesh means and what is the right name for the terrorist organisation? *The Sun*. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/2595042/isis-islamic-state-daesh-terror-group-name/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

REUTERS. *França não vai receber mais do que 30 mil refugiados, diz premiê*. 2015. Disponível em: <http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKCN0RO2P720150924>. Acesso em: 16 out. 2016.

ZÚQUETE, J. P. Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão. *Análise Social*; v. 46, n. 201, p. 653-677, 2011.

Recebido em: 19/01/2018

Aceito em: 05/11/2018

---

<sup>1</sup> *The Sun*, 2017.

<sup>2</sup> Os sunitas, a fim de tomar nota, configuram maioria da população muçulmana, tendo seu nome atribuído aos escritos da Suna, os quais seguem além do Corão (BBC, 2016).

<sup>3</sup> Organização das Nações Unidas.

<sup>4</sup> BBC, 2015.

<sup>5</sup> ACNUR, 2015.

<sup>6</sup> Idem, 2015.

<sup>7</sup> ONU, 2016.

<sup>8</sup> ACNUR, 2016.

<sup>9</sup> Idem, 2016.

<sup>10</sup> Agência Brasil, 2015.

<sup>11</sup> Idem, 2016.

<sup>12</sup> Nota nossa

<sup>13</sup> Alternative für Deutschland (Alternativa para a Alemanha, tradução nossa).

<sup>14</sup> Reuters, 2015.

<sup>15</sup> Agência Brasil, 2016.